



Nelson Albissú

É difícil de entender, vô!

Ilustrações: Rogério Coelho

14ª edição

Conforme a nova ortografia

Prêmio Adolfo Aizen
U.B.E./1994

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Aline Araújo/

Edilene M. Santos/Érica Lamas

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Setsumi Sinzato

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Sílvia Corrêa

Preparação de textos • Edilene M. Santos

Impressão e acabamento •

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Albissú, Nelson

É difícil de entender, vô! / Nelson Albissú ; ilustrações Rogério Coelho. — 14. ed. — São Paulo : Atual, 2009. — (Entre linhas : Cotidiano)

ISBN 978-85-357-0648-2

1. Literatura infantojuvenil I. Coelho, Rogério.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2017

CL 810415

CAE 602646

Copyright © Nelson Albissú, 1993.

Direitos reservados à

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

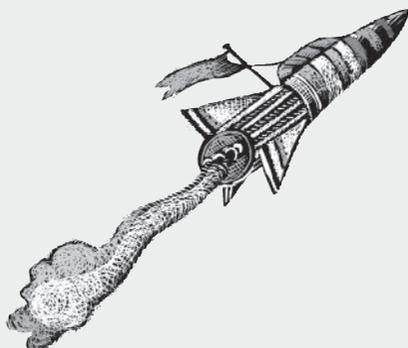
CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Sumário

Observadores de estrelas	5
Levantar âncoras	9
Roçar de casco	12
Ido ao Japão e voltado	18
Cadê o vô?	22
À espreita do grande capitão	26
Do outro lado do balcão e da vida	29
Só se você me der uma casa na lua	32
Ainda bem que hoje é sábado	37
O homem que entendia de chuvas	45
Fluxo e refluxo	50
A febre	53
O espetáculo continua	56
A dúvida	59
O mundo fora do eixo	61
O naufrágio do navio	64
Breve duelo	66
E o mundo começou a rodar mais rápido	69
Índio vira estrela	71
A morte viva	75
É difícil de entender, vô!	77
O autor	78
Entrevista	79

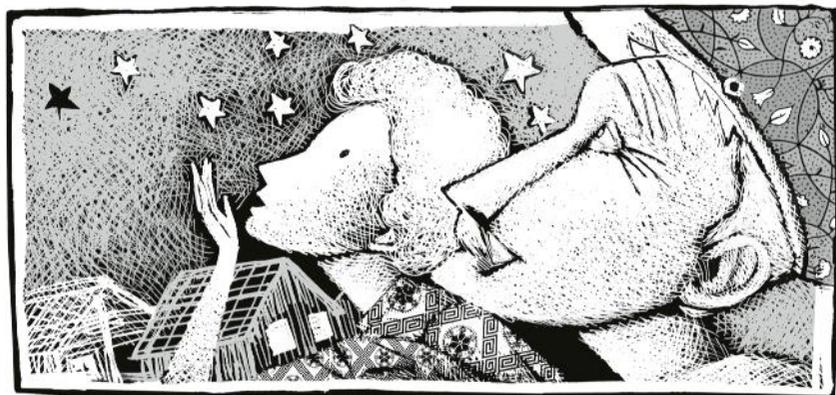


*A todos que têm a capacidade
de entender a morte
como parte da vida,
um piscar de estrela do vô.*

*Para aqueles
que têm a sensibilidade de entender
que a mais louca fantasia
pode habitar
na casa da mais dura realidade,
uma passagem do Felipe
para viajar no seu
“Foguete Rumo às Estrelas”.*

*Para
Casemiro Albissú e
Lourdes Marin Albissú,
meus pais,
que já são estrelas,
um beijo do autor.*

Observadores de estrelas



Agora tinham dado pra isso: “Observadores de estrelas”, dizia a avó. “Astrônomo”, autointitulava-se Felipe.

Como se não bastasse a companhia de todas as horas disponíveis do menino durante o dia, já por algumas noites seguidas, o avô inventava qualquer pretexto para o neto Felipe ficar junto dele também algumas horas da noite. Iam para o fundo do quintal e, do alto da escada, que levava à lavanderia, entregavam-se a observar o céu, com os olhos fixos em nebulosas estrelas e a “cabeça na lua”, como dizia a avó.

- Sabe como nasce uma estrela, vô?
- Nunca pensei nisso.
- Nasce quando morre um velho guerreiro índio.
- É mesmo?
- Ele morre e nasce no céu como estrela.
- Vem tomar banho, Felipe!
- Já vou, vô!

– Sua mãe vai chegar do serviço, e você não tomou banho nem jantou.

– Só mais um pouquinho, vó!

– Ele precisa tomar banho, Amâncio!

– Já vamos, querida!

– São dois meninos mesmo! – A avó desistiu de chamar o neto e voltou para a cozinha, envolvida com o jantar, como sempre estava, nesse horário.

Ela sabia que viviam mais uma nova temporada de brincadeiras e descobertas para o menino. Conhecera tantas outras vivências compartilhadas entre o marido e o neto que a sua memória não cabia naquele mexer e remexer de panelas: neném ainda – quando há unanimidade que bebê não entende nada –, ninguém pode negar que Felipe sentia prazer e sabia reconhecer o colo do avô. Com isso, o apelido de Vô Coruja durou pouco tempo, pois logo o reapelidaram de Vô Corta Choro. Nos braços do avô, Felipe encontrava remédio para todos os seus males: dor de barriga, fome, fralda molhada ou cheia. Mesmo assim ficaram em dúvida quando o avô anunciou o primeiro sorriso do menino.

– Agora o velho Amâncio exagerou! – comentou toda a família.

No entanto, logo puderam constatar a verdade: sorria o maroto. “Sorri para o avô.” “E antes da hora” – comentavam os reconhecedores de mais aquela proeza. E o sorriso cedeu lugar ao riso, que ninguém pôde negar diante da sonoridade conseguida num simples brincar de esconde-esconde nos cobertores. Brincadeira que mais tarde foi retomada atrás dos móveis. O *buuuuuuuuu...* do bicho-papão também teve os seus dias de glória, com Felipe assustando o avô e a família. Mal o neto começou a sentar, ganhou um pequeno cavalo, nas pernas do avô, que eram também o seu trem apitando na curva. Ria, tombando para um lado e outro ou,

com orgulho, retesava o corpo com muita firmeza nos braços do avô, para alcançar o forro da cozinha, do quarto e da sala. Falar, não falava. Talvez vivesse entupido de riso que lhe ocupava os lábios. Mas sabia pedir como ninguém e logo ganhou outro cavalo, agora nas costas e nos ombros do avô, para cavalgar sabe Deus por onde... Talvez até cavalgasse por estrelas...

Mas agora era hora de fugir um minutinho das panelas e voltar a chamar o neto para o banho.

– Está tarde, Felipe!

– Ah, vô! A estrela-d'alva acabou de aparecer, agora mesmo.

– Com essa tosse, Amâncio, e nesse frio?!

– Vamos, Felipe – disse o avô, decidido, puxando-o pelo braço.

– Bem agora, vô!

– Você tem razão, mas também precisamos obedecer à sua avó.

– Tenho certeza de que aquilo era um satélite, vô!

– Você não sabe de nada, garoto! Vamos tomar banho!

– Então, posso fazer a minha barbinha?

– Você ainda não tem barba – respondeu o avô, com a esperança, escondida no peito, de ter tempo para ver o neto crescer.

– Deixa, vô! Só vou passar sabão.

– Você fica brincando no chuveiro e hoje não tem água.

– Se você deixar, te dou um beijo.

– Então pode! – concordou o avô com a pequena chantagem, só para não ficar sem o beijo.

De mãos dadas, já a caminho do banheiro, perguntou o menino:

– Quem te ensinou o nome das estrelas, vô?

– Aprendi quando eu era marinheiro.

– Você foi marinheiro???

Diante do entusiasmo do neto, o avô parou, respirou fundo, pôs-se em posição de sentido, estufou o peito com orgulho e brincou:

– Capitão!

– Não acredito! – encantou-se o menino.

– Fui o mais belo capitão dos sete mares.

– Conta, vô!

– Agora não.

– Conta, vai!

– Outra hora eu conto. – E, decidido, agarrou o menino pelas pernas, jogou-o nos ombros e adentrou o banheiro. – Agora vamos tomar banho.